

A disciplina pode substituir muitas qualidades. Nenhuma, porém, substitui a disciplina.

GUSTAVE LE BON

Os Elos da Disciplina Consciente

MaJ Art QEMA
KURT PESSEK

As palavras são símbolos usados na intercomunicação dos mundos interiores de cada pessoa. Rolando pelo tempo, seus significados variam, sofrendo nuances impostas pela diversidade de regiões geográficas, de cultura, e até de intenção momentânea do usuário. Algumas, de elevado teor emocional, adquirem conotações duvidosas, ambíguas e até contraditórias. *Paz — Amor — Justiça — Liberdade — Direito*, e outras, têm tantas interpretações quanto o número de habitantes sobre a terra. Às vezes são tão empregadas que acabam “por adquirir conteúdos inexistentes que traduzem ou deviam traduzir”.

O significado de moral — “conjunto de normas associadas a idéias sobre formas lícitas ou ilícitas de comportamento”, encaixa-se perfeitamente na afirmação acima, com uma diferença: ninguém duvida de sua definição. Todos, porém, se reservam o direito de interpretar as gradações do comportamento considerado lícito.

Cada um tem suas verdades.

Mergulhamos no oceano da filosofia mesmo antes de saber nadar. Dessas incursões inferimos nossos direitos. As nossas obrigações, ou deveres, são estabelecidas pela interação com o meio familiar, com a escola, e com a sociedade. Usando a sua razão, elemento variável e conforme cada es-

trutura, o homem chega ao conceito de liberdade de conduta, mal pesando seus direitos e deveres.

Liberdade, liberdade
Livre de boa doutrina
Mas quantos lêem por cima
O que ela tão fundo ensina.

CORREA DE OLIVEIRA

Analisando suas potencialidades e amplitude de sua liberdade, todos estabelecem objetivos na vida. Isto feito, o homem passa a pautar sua conduta de molde a alcançar esses objetivos, lutando sempre pelos seus direitos e, lamentavelmente, às vezes, não cumprindo todas as suas obrigações, seja por descaso ou por desconhecimento.

A sociedade, porém, não pode permitir condutas segundo as interpretações individuais. Em sua defesa, institucionaliza os costumes, fazendo nascer as leis e as autoridades para o cabal acatamento das primeiras. Isto, porém, não basta. Ninguém conhece todas as leis e elas, ocasionalmente, tornam-se tão injustas que acabam por ser anuladas. Novas situações aparecem e, com elas, novas leis.

As limitações de cada um continuarão sendo sempre, em primeira instância, os frutos de sua consciência e, em último caso, a coação do meio social. Com isso, surgem as situações mais variadas. "Um homem pode ser honestíssimo consigo mesmo e ser desonestíssimo com o resto da humanidade porque aplica o que julga certo, quando se limita a olhar com antolhos, se limita a projetar suas *verdades*, que são fruto exclusivo de suas frustrações".

Vale a pena lembrar uma das relações entre a lei, o homem e a sociedade: quanto maior a coação legal do meio sobre o homem, maior o índice de desintegração social.

Assim, com uma bagagem de conceitos morais muito próprios, o homem é acolhido pelas Forças Armadas. Passa, então, a conviver com esse termo de múltiplas interpreta-

ções, princípio e fim dos grupos altamente hierarquizados, ora motivo, ora limitação de comportamentos — a Disciplina.

"A hierarquia e a disciplina são a base institucional das Forças Armadas". Aqui, ela é pedra angular e fulcro de toda uma instituição, e, como tal, também seu objetivo permanente. "Disciplina é a rigorosa observância e o acatamento integral das leis, regulamentos, normas e disposições... Traduzindo-se pelo perfeito cumprimento do dever...". Agora, toma a forma de mola diretora de procedimentos mas, ao mesmo tempo, coarta atribuições através de parâmetros estatutários. É submissão voluntária mas pode chegar a ser obediência por imposição.

O verbo disciplinar abarca significados os mais diferentes. Começando pelo ensinar, orientar, conduzir, passa pelo *fazer obedecer* através de todas as formas legais, e, chega, finalmente, à força do *submeter* e até ao *submeter-se*.

O estabelecimento das normas e disposições dá à disciplina a posição de jurisprudência. Disciplinar é legislar. A interpretação dessas mesmas leis é também disciplina, já agora nos meandros, nem sempre muito claros, da hermenêutica.

A tentacular gama de assuntos nos restringe a uma faceta da palavra disciplina, a mais importante. É a abordagem da situação do homem no grupo social, em especial nas Forças Armadas.

Disciplina é o perfeito equilíbrio, julgado consoante, do homem com seu grupo social, em determinado momento.

Esse equilíbrio só é viável quando a conduta do homem para alcançar seus objetivos particulares é concorde com o procedimento ditado pelo grupo para alcançar seus próprios objetivos. Para isso, as aspirações particulares e suas conquistas devem estar em harmonia com o propósito grupal e mais, devem servir de arrimo para a consecução dos objetivos de todos.

Parece simples e o é na realidade. O difícil será manter esse equilíbrio em moto contínuo. Aí é que está o busilis.

Quatro fatores influenciam a análise desse equilíbrio:

1. O julgamento por parte de todos ou ângulo pelo qual se observa o problema;
2. O momento em que se faz a análise;
3. O grupo envolvente;
4. O homem como indivíduo.

O fato de se constatar um desequilíbrio do homem na sua órbita grupal definirá uma indisciplina. Esta sempre tem caráter episódico. O homem altamente disciplinado pode ter momentos de indisciplina e até ser punido por isso. A nossa história tem exemplos bem marcantes dessa nossa afirmação. Porém somente alguns fatos não definem a vida de um homem, seus princípios e seus valores morais. Muitas vezes, o tempo permite nova análise, aparecendo novos matices não muito claros anteriormente. O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, réprobo e indisciplinado, hoje é redivivo como mártir e líder do nosso nacionalismo.

Admitindo ser uma indisciplina um fato momentâneo, cabe diferenciá-la da antidisdisciplina. Aqueles que pautam sua conduta no sentido de transgredir constantemente as leis, normas e ordens, já ultrapassam o conceito da indisciplina. É um desequilíbrio constante e, portanto, já dentro do campo da psicopatologia. São antidisdisciplinas.

.....
 é homem ao mar
 e eis que, ante tudo isto
 acaba anti-Cristo
 se Cristo não for
 de Mário a favor

VITAL P. PASSOS

O estudo dos quatro fatores componentes da harmonia entre o homem e o meio circundante nos permitirá destacar os motivos de desequilíbrio ou indisciplina e as características da disciplina, e ainda pinçar alguns segredos de sua manutenção constante.

"Dois excessos: excluir a razão e não admitir senão a razão." — Pascal

1. O primeiro fator é o julgamento.

Existem quatro prismas básicos e distintos na análise de um fato ocorrido. Assim são eles:

- a. o julgamento do homem participante,
- b. apreciação de seus pares,
- c. as críticas de seus superiores,
- d. o exame do fato por parte de elementos não pertencentes ao grupo.

A correção de um comportamento indisciplinado só é válida com a aceitação do faltoso quando este, julgando-se, reconhece ter errado. Isto é notório. Decorre daí a valia da correta interpretação do ponto de vista de quem comete o delito. Através de suas "verdades", ele pode se achar dono da razão, da sua razão. Por este ângulo, às vezes conclui-se, em análise imparcial, não ter havido indisciplina mas uma distorção da amplitude de direitos individuais.

Todo comportamento é, ao mesmo tempo, persistente e dócil. Esta docilidade ou flexibilidade permite, através da persuasão, mudanças radicais. Por isso, julgar é ouvir. Ouvir é sentar-se no banco do réu vestindo todos seus preconceitos e procurando onde está o erro de lógica, da lógica dele e não da nossa. Ouvir, portanto, é um dos fatores básicos para se manter a disciplina.

"Os homens têm necessidade de desabafar. A necessidade desse alívio é ainda maior quando sentem que foram fustigados."

Ouvir é parcela de julgar. Julgar é disciplinar.

2. O segundo fator é o momento e suas circunstâncias envolventes.

Um clima de emoção que circunde o analista, prejudicará sobremaneira a resultante lógica de sua observação. Aqui nos referimos principalmente à ganga emotiva capaz de cercar o chefe e não o subordinado. É erro palmar a hipótese apriorística de se estar sempre pronto a julgar um fato. Em verdade, isto é feito instintivamente desde o dia em que nascemos, mas o peso dos anos e o acúmulo de cultura acabam por nos revelar os filtros poluídos, formados pela nossa própria personalidade. Nossos estereótipos nos levam a distorções bem afastadas da realidade. Face a isso, em 1637, Cartesius estabelecia como primeiro passo de um raciocínio lógico a negação da verdade de um fato, para se poder chegar a uma razoável conclusão. Nega-se a indisciplina antes de analisá-la.

3. O grupo social altamente hierarquizado, no nosso caso Forças Terrestres, é a terceira faceta da nossa análise. É o mundo exterior onde sobrevive o homem. Ele é composto, principalmente:

a. de leis e normas escritas, complementadas por condutas consideradas próprias para os membros desses grupos (Folkways e Mores);

b. tem seus objetivos inabaláveis, os quais impõem aos seus integrantes procedimentos e atitudes capazes de sua consecução. Esses objetivos são:

- 1) o Moral da tropa;
- 2) apresentar um equilíbrio com outros grupos de sociedade, face à sua finalidade específica (e disso resulta seu prestígio social);
- 3) ter uma hierarquia piramidal e incontestável;
- 4) a instrução sistemática de seus elementos encerra esse punhado de componentes mais importantes.

Todos influem preciosamente na análise da disciplina.

Vale aqui o testemunho do Professor Meira Penna ao referir-se ao minucioso programa de aperfeiçoamento e especialização das Forças Armadas: "gozam os militares dessa vantagem, desconhecida em outras profissões civis, de juntarem a um espírito pragmático, voltado para a ação, um longo e cuidadoso preparo de comando pelo exercício e pelo estudo. Constituem a única hierarquia organizada do país (organizada, não só pela *disciplina das armas*, mas também pela *disciplina escolástica* imposta nesses institutos de ensino)". Essa "disciplina escolástica", fundamentada nos objetivos do Exército, permite inculcar ou modelar opiniões, base de atitudes, corrigindo desvios nem sempre aceitáveis aos parâmetros disciplinares. Ela é princípio, processo e fim, de uma instituição militar. É, através de sua processualística, o método mais viável de se forrar com idéias lógicas quem não as tem, aprimorando os que têm algumas. Essas idéias geram argumentos e estes são base da razão.

Gustavo Le Bon é quem afirma: — "O fundamento mental das transformações históricas são as idéias e são elas que governam o mundo".

As idéias, quando base da filosofia de vida, têm mais força que uma panóplia de um exército atômico. Bolchenski, referindo-se a Hegel, fala do poder de suas idéias que vieram transformar o mundo. E vaticinava: "Eis por que os que desejam saber em que direção está a rota fazem melhor em prestar atenção não aos políticos mas aos filósofos".

Instruir é Disciplinar.

4. O mais importante elemento na análise do equilíbrio disciplinar é o homem. Dele exponenciamos, em síntese drástica, três componentes:

- a. seu nível de aspiração;
- b. seu estofo filosófico;
- c. seu complexo psicossomático.

Cada um deles exigiria uma digressão por ciências complexas. Ficaremos, porém, na descrição epidérmica, sem profundidade, de pontos importantes.

a. O nível de aspiração determina seus objetivos de vida. Estes devem estar afinados pela clave dos objetivos do grupo. Essa harmonia é missão da Instrução e do Exemplo, alavancas próprias para fazer o homem entender o Moral da Unidade.

Há, porém, um óbice de vulto quando se trata do soldado convocado. A obrigatoriedade do serviço militar gera situações muitas vezes mal analisadas como indisciplina. O Coronel Marshall testemunha a existência de homens indisciplinados mas que “tornaram-se leões no campo de batalha com todas as virtudes da agressividade persistente e fiel observância à ação planejada e judiciosa”. E conclui: “podiam lutar como loucos mas não podiam ser soldados”. É exemplo claro de dois objetivos distintos, o lutar pela pátria e o ser soldado. Como se pode verificar, nem sempre são superpostos.

b. A bagagem filosófica moldura as raízes dos princípios morais. Muitas dessas raízes têm origem no carisma religioso. Basta ver o número de pessoas que nos EUA negaram-se a comparecer ao serviço militar por “Conscientious Objectors”.

Certa vez tivemos um soldado adepto do culto Sabatista. Era um bom soldado. Jamais, porém, trabalhava aos sábados, mesmo sob qualquer tipo de ameaça. Isto caracteriza uma indisciplina?

c. “Para milhões que têm que passar sem duas refeições por dia, Deus só se atreve a aparecer como alimento” — Gandhi. Também as noções de Pátria e as conseqüentes deduções de nossa obrigação para com ela são invisíveis aos que carecem de qualquer coisa. Assim como Deus só pode ser alimento para quem tem fome, o dever é locupletar-se para o ignorante sem que haja heresia no primeiro e indisciplina no segundo. O verdadeiro conhecimento pelo analista

do complexo psicossomático do homem é fator capital, já que suas carências modelarão sua conduta e suas determinações.

As pinceladas acima permitem agora a pesquisa mais particularizada da disciplina nas Forças Terrestres Brasileiras.

1. É patente a "velha ojeriza da população pela situação de soldado de fileira". Para alguns, isto é atávico e tem origem na situação colonial onde o Exército era instrumento do opressor. Para outros, a filosofia tropicalista, somada ao aspecto regressivo dos valores espirituais e etnológicos, é a base da rejeição a qualquer obrigação ou imposição. Parece, no entanto, mais lógico ser esse aspecto de âmbito mundial já que a aspiração à paz é inata em todos os homens.

Três tipos de jovens alcançam a idade de servir às Forças Armadas. Existem os que desejam servir face às suas necessidades e se apegam a isso como tábua de salvação. O segundo tipo caracteriza-se por não depender das Forças Armadas como forma de sobrevivência, mas deseja novas aventuras. O último tem mil razões para não servir e faz tudo para conseguir seu intento.

As vagas são poucas e a política atual dá prioridade aos mais humildes e, com isso, açambarca, em maior número, os do primeiro tipo. É vantajosa a seleção assim discriminada quanto aos aspectos da oportunidade cedida aos mais necessitados, que aumenta o índice cultural da população. A disciplina do recrutado fica também facilitada pois, apesar de não ser o serviço militar um voluntariado, passa quase a sê-lo, face ao grande número dos dispensados. Há, porém, outros aspectos ressaltáveis:

a. A imagem externa vem sendo deturpada com a idéia oposta aos nossos objetivos. Começa a gerar-se no meio civil a hipótese de que os melhores elementos da sociedade são sempre dispensados. Com isso nasce a generalização cediça — só servem nas Forças Armadas os desprotegidos ou analfabetos. A primeira consequência desse estereótipo é li-

gar-se o fato de ser convocado e servir ao Exército ao status ou posição social. Logo: ser importante ou pertencer a família importante *é não ser* soldado. É público que a seleção dos quadros baseia-se no voluntariado e na rigorosa depuração, mas isso não impede os motivos, nem sempre honestos, de ampliar a primeira inferência e estendê-la aos militares profissionais. Isto tem reverberado sobre a classe com importantes reflexos na disciplina.

b. O outro fator deduzível do tipo de seleção adotada, onde se recruta a maioria de analfabetos, é a diferença dos níveis intelectuais entre os quadros e o soldado que resulta na dificuldade de intercomunicação.

Pessoa de Moraes, responsabilizando o determinismo evolutivo, lembra as verdadeiras barreiras de comunicação formadas pela diferença do nível intelectual elevado de uma minoria, e o restante involuído da sociedade. "A velocidade de marcha vai aumentando o batalhão de retardatários e o descompasso acaba valendo como diferenciação".

A dificuldade de comunicação dos chefes com os subordinados e a distorção da imagem junto ao público externo são argumentos ponderáveis na manutenção do equilíbrio disciplinar das nossas Forças Terrestres.

2. As organizações têm, como garantia de sua sobrevivência, necessidades de evoluções constantes face às mudanças sociais ou à expansão da tecnologia. Caso contrário sobrevêm as revoluções. A evolução é possível através de uma pontificação oportuna que impeça o anacronismo das leis e, também, aceitando-se adaptações dos novos valores morais, evitando hiatos entre o meio militar e o meio civil. Verificamos ser "o conflito de autoridade coisa patente em nossos dias. É conseqüente da modificação de valores nas últimas décadas. Talvez o conflito *dominado-dominante* tenha sempre existido em nível latente e ultimamente tenha apenas encontrado condições para manifestar-se claramente. Toda vez em que há um relacionamento que implica em autoridade,

a menos que haja compreensão e a aceitação do *papel autoridade* e do *papel subordinado*, haverá sentimento de rebelião e esse sentimento de rebelião se manifesta de modo violento quando há um enfraquecimento dos mecanismos de controle de autoridade". Esses ares sopram das ruas para os quartéis.

Até alguns anos atrás, a hierarquia e a disciplina eram assim definidas: "A organização através da qual a massa se encontra em estado de passar do dever ideal à ação é o sistema de hierarquia, cujo funcionamento repousa sobre o princípio da subordinação. O *dever ideal* apresentado sob forma apropriada de organismo do Exército é a disciplina". Logo hierarquia era a estrutura capaz de conduzir massas à ação através do "mágico" dever ideal. Esta era a disciplina. O próprio adjetivo ideal faz antever a impossibilidade de se chegar a ele, pois ideal se opõe a real. Hoje os aspectos mudaram. A subordinação sem compreensão foi substituída pelas idéias modernas da valorização individual permitindo uma contestação outrora sempre recalcada. O aspecto místico da verticalidade de funções cede à lógica da razão. Hierarquia é válida como motivo de sobrevivência do grupo e, em última instância, do próprio indivíduo. O principal sintoma desse fato é a substituição da imagem do chefe, autoridade incontestável, pela liderança do convencimento. O persuadir substituiu o mandar.

A autoridade instituída recebe gratuitamente de seus comandados o prestígio natural de sua posição. O prestígio suscita atitudes de subordinação. Daí por diante é um pulo para liderança. Em verdade, vale a pena lembrar os freios da dissensão aberta e clara. São eles o comodismo, o medo dos prejuízos morais e materiais e a auto disciplina estereotipada ou hábito disciplinar. Mas eles têm limites de resistência.

Três motivos básicos levam à liderança e à sua resultante principal a disciplina de obediência irrestrita. O chefe deve ser reconhecido:

- a. como o mais capaz para aquela função,

- b. o mais interessado em resolver os problemas de seus homens,
- c. como sendo aquele cujo comportamento representa perfeitamente a expectativa grupal.

Liderança é disciplina.

Ser chefe corresponde a alcançar um determinado grau hierárquico. A liderança além da graduação ou posto carece de outras qualidades. No contato com a tropa devem estar os que manipulam essas qualidades com sucesso. Isto é possível com "a seleção dos melhores oficiais para o comando (líderes mais capazes) e a estabilização da rotação de comando, de modo que os comandantes mais qualificados possam desenvolver e instruir uma unidade". Ainda não aceitamos plenamente a seleção em bases técnicas. Refuta-se constantemente a tese de que nem todos têm qualidades de liderança e só esses devem estar em função de conduzir homens, como se isso fosse quebra de hierarquia.

Aos céticos, incapazes de entender a liderança nos meios da rígida hierarquia, vale o testemunho do Exmo. Sr. Brigadeiro Netto dos Reys em palestra na ECEMAR:

"Há quem pense que o comando, para ser eficiente, basta apoiar-se na força de sua autoridade. Mas as relações entre comandantes e comandados não são tão simples, sobretudo numa época de revolução social. Passou a era do chefe autoritário com o advento do chefe democrático condutor de seres humanos, com suas paixões, ambições que podem ser estimuladas, nervos que podem ser abalados, orgulho que pode ser recalçado e esperanças que podem ser realizadas. Nos dias que correm, o chefe *deve ser líder*, cuja eficiência repousa na disciplina, mas também na lei moral, na compreensão e na motivação."

Motivar é predispor o homem a efetuar certos atos. É disciplinar. O comportamento resultante da motivação deve

ser ao mesmo tempo do total agrado e satisfação do homem e também voltado aos objetivos da tropa. A isto se chama cumprir o dever.

3. "Não basta que o indivíduo esteja disposto a cumprir o seu dever; é também necessário que o conheça." — Guizot.

Implícito no conhecer está o assimilar. Mas só se assimila por três canais — ou concluimos através da lógica para chegar à razão, ou porque habitualmente já aceitávamos conhecimentos semelhantes e assim agimos por reflexos e, finalmente, através de carismas.

Assimilar o dever, portanto, se prende a atitudes diversas, mas inteiramente ligadas, todas decorrentes dos conceitos acima.

O homem disciplinado é o cumpridor de deveres, logo deve conhecê-los. A liderança e a Instrução levam o homem ao conhecimento através da persuasão e da motivação. A Instrução e o Exemplo inserem hábitos capazes de substituir conclusões lógicas nas diversas situações enfrentadas. O Civismo e a Doutrinação dos nossos símbolos místicos e tradições é o último veículo capaz de tanger ações. A maior ou menor disciplina nas Forças Terrestres variará, conseqüentemente, com a intensidade e adequação em Liderar, Instruir e Doutrinar.

Quanto aos hábitos, vale lembrar a frase de Lynch — "O melhor de todos os hábitos consiste em tratar de formar bons hábitos." O hábito nos leva ao condicionamento. "Muitas vezes, uma ação nos parece desagradável ou contrária aos nossos interesses, entretanto, sendo ela moralmente desejável, é o dever que nos impulsiona a praticá-lo."

4. O último, e mais importante, fator responsável pela disciplina nas Forças Terrestres é a doutrinação sincera e veemente das nossas tradições.

E isso temos cumprido com esmero.

Os obstáculos citados anteriormente são vencidos, principalmente, pela disciplina do patriotismo. Com a Palavra e o Exemplo toca-se a alma do brasileiro. E todos entendem, mesmo os pobres de espírito, o sentido da união no alcançar o bem comum.

O Nacionalismo gera a Disciplina da Participação. A lembrança dos símbolos nacionais faz derrocar qualquer mesquinha pretensão individual. Mudam-se os comportamentos em prol da própria sobrevivência representada na segurança de todos.

O culto carismático de nossos valores morais é, sem dúvida, o único molde capaz de formar um escudo contra as ideologias adversas.

As Forças Armadas cosem o nacionalismo brasileiro com sua presença nos locais mais ermos, com o culto messiânico de nossas tradições e com a mistura heterogênea de raças, classes e religiões.

A disciplina no seu seio é, e sempre será, sólida enquanto elas forem povo e não casta, enquanto seus objetivos forem os do povo e não contra ele, enquanto elas forem veículo ativo da Escola do Nacionalismo. Aí está, portanto, o pináculo do sentido da disciplina representado pelo entendimento realista da nossa verdade. Disciplina é ter orgulho de ser brasileiro; falar e agir como brasileiro, aceitar sua condição de brasileiro mesmo que isso represente, como querem alguns, subnutrição, subdesenvolvimento, analfabetismo e outras tantas manchas que os plurinacionalistas apregoam diariamente...

Vivemos à época do antinacionalismo como se fosse extrema vergonha amar tudo aquilo que representa a nossa situação atual e, principalmente, aquilo que já fomos. Fórmulas "milagrosas" de desenvolvimento, comportamentos de povos de grande cultura, mentalidades apropriadas ao "take-off" são diariamente receitadas, mas sempre mal nos comparando com outras nações. Desse confronto surge a realidade brasileira em posição mesquinha, acanhada e distor-

cida. Remexendo os velhos arquivos descobrem no nosso pretérito mil e uma justificativas da nossa situação atual como se ela fosse desonrosa e não de orgulho, como deve ser. E vertem conselhos e dão mezinha que, segundo eles, salvará o País da "bancarrota". E, nessas "sábias" soluções, a tônica é atacar o nacionalismo por ser ele a única barreira eficaz de deter as suas pretensões.

A nossa disciplina é o nosso patriotismo, é o nacionalismo brasileiro com todas as suas virtudes e defeitos. Ela é própria das nossas Forças Armadas e não se adapta a nenhuma outra. É a disciplina da Democracia Brasileira. Ela se respalda em nossas características e, acima de tudo, na filosofia bem própria de nosso povo.

E o povo crê.

Crê em Deus com o temor dos humildes, crê no passado quando constata o presente, crê no futuro porque trabalha e participa, crê no desenvolvimento gradual e à brasileira porque confia em seus filhos, crê na Pátria porque ama a família, crê na terra porque ela o sustenta, crê na Bandeira porque é gregário, crê em si próprio porque sorri e desdenha aos que o subestimam, crê nas Forças Armadas porque elas vivem para servi-lo e protegê-lo com propósitos sempre íntegros desde seus albores.

Para se fazerem grandes coisas não é necessário ser um grande homem, não é preciso estar acima dos homens, é necessário estar com eles.

(MONTESQUIEU)